

## CONTO EM LÁ MENOR

Joaquim Branco (FIC - Faculdades Integradas de Cataguases)

### RESUMO

A música na ambientação do conto machadiano. Composição e ficcionalidade como formas intercambiantes na temática realista. A introdução da estranheza e da idéia de perfeição no discurso indireto livre do personagem.

**Palavras-chave:** Conto. Música e ficção. Discurso e estranheza.

### ABSTRACT

Music in the ambience of the machadian narrative. Composition and fiction as interchangeable ways in the realistic theme. The introduction of the strangeness and of the idea of perfection in the character's free indirect speech.

**Keywords:** Short story. Music and fiction. Speech and strangeness.

Não chega a ser obsessivo, mas pode-se dizer que a música é um tema recorrente na obra de Machado de Assis. Ora é na forma de um piano que o personagem toca; ora de um machete (espécie de cavaquinho) que surge no título da narrativa, ou mais genericamente apenas uma melodia que perpassa e colore o ambiente onde os personagens transitam ficcionalmente.

Isso pode-se constatar no conto "Cantiga de esponsais" (ASSIS, 1998, p. 44), em que a obsessão de um virtuose toma a narrativa por inteiro, ou em "Marcha fúnebre" (ASSIS, 1998, p. 475), em que um personagem simplesmente assobia uma polca ao atravessar uma rua; ou em "Trio em lá menor" (ASSIS, 1998, p. 317), que permeia todo o texto, e que enfocamos aqui.

Neste conto, o autor começa sua temática musical pelo título: trio – trecho musical próprio para três vozes ou instrumentos. Acrescente-se que o conto divide-se em quatro partes, como num trio ou numa sonata, assim denominadas: I – "Adagio cantabile"; II – "Allegro ma non troppo"; III – "Allegro appassionato"; e IV – "Menuetto".

Chama-se adágio ao andamento musical lento, vagoroso, pausado; alegre, ao trecho musical em andamento animado; e minueto é a terceira parte dos quatro movimentos de uma sonata.

Assim, na primeira seqüência do conto – Adagio cantabile – esboçam-

se os componentes da trama ficcional: Maria Regina, o personagem central; sua avó (cujo nome não é mencionado) e os dois namorados, Maciel, de 27 anos; e Miranda, de 50 anos. No desenvolvimento da narrativa, a moça forma um estranho triângulo amoroso com os dois pretendentes. Assim, a palavra *trio* funciona duplamente, pois também sugere a existência desse triângulo.

O relato se inicia com esse esboço. Uma sonata leva Maria Regina ao piano. Dois pretensos namorados chegam. A avó cochila, um personagem que se esconde à maneira machadiana:

A visita dos dois homens (que a namoravam de pouco) durou cerca de uma hora. Maria Regina conversou alegremente com eles, e tocou ao piano uma peça clássica, uma sonata, que fez a avó cochilar um pouco. No fim discutiram música (ASSIS, 1998, p. 317).

Mais tarde, a noite é feita das reflexões da moça, que refaz o novelo do dia e revê os namorados entre o sonho e a névoa. Aparece imediatamente o disfarce citado por Antonio Candido em seu estudo “Esquema de Machado de Assis” (CANDIDO, 2004, p. 26-27), e que serve para introduzir a personalidade meio complicada ou estranha da protagonista da história. Essa atmosfera domina a narração, em contraponto com a sonata, que desponta em alguns momentos, e vai até o final:

Ao pé da cama, Maria Regina reconstruía agora tudo isso, a visita, a conversação, a música, o debate, os modos de ser de um e de outro, as palavras de Miranda e os belos olhos de Maciel. Eram onze horas, a única luz do quarto era a lamparina, tudo convidava ao sonho e ao devaneio (CANDIDO, 2004, p. 318)

No 2º capítulo – “Allegro ma non troppo” – e no 3º – “Allegro appassionato” – desenvolve-se o *plot*, e os namorados são apresentados pelo narrador com seus defeitos e qualidades.

O capítulo termina ao piano. A sonata – o trio – desperta uma espécie de introspecção (que passa do discurso indireto livre quase ao monólogo interior) da moça, que compõe uma figura na mente feita das afinidades mentais com

Miranda e da juventude e meiguice de Maciel: “[a moça] completou um pelo outro; escutava a este com o pensamento naquele; e a música ia ajudando a ficção, indecisa a princípio, mas logo viva e acabada.” (CANDIDO, 2004, p. 323). Machado fecha o capítulo com Shakespeare.

No último capítulo – Menuetto – passa o tempo. Maria Regina se descarta de ambos. Acentua-se pela mão do narrador a tendência da moça para as esquisitices, quando, de repente, ela se interessa por uma notícia de jornal sobre a existência de “estrela duplas que nos parecem um só astro” (CANDIDO, 2004, p. 324).

A partir daí, Machado de Assis abre para temas de sua predileção: a imperfeição humana, o problema existencial: “Quando abriu os olhos e viu que o firmamento ficava tão alto, concluiu que a criação era um livro falho e incorreto, e desesperou.” (CANDIDO, 2004, p. 324).

Sua narrativa, de linha subjetiva, notadamente neste conto, distancia Machado dos ficcionistas franceses e o aproxima dos ingleses, e mais ainda das técnicas modernistas do século XX. Os cinco últimos parágrafos do conto propiciam um mergulho da protagonista em seus próprios pensamentos, numa técnica próxima ao *stream joyceano*:

Maria Regina viu dentro de si a estrela dupla e única. Separadas, valiam bastante; juntas, davam um astro esplêndido. E ela queria o astro esplêndido. Quando abriu os olhos e viu que o firmamento ficava tão alto, concluiu que a criação era um livro falho e incorreto, e desesperou. (CANDIDO, 2004, p. 324).

O conto então vai terminando com uma série de superposições de imagens, começando pelas estrelas, passando por dois olhos de gato (no muro), impressões da retina, duas rodela de opala (na parede), para terminar em dois astros incompletos. Imagens visuais leves, impressionistas, quase cinematográficas, de uma plasticidade rara.

E completa com a fala do narrador diretamente para a personagem. A sonata acaba por envolver completamente a narração, como uma sombra, até se dissolver na “sonata do absoluto” – como Machado de Assis a chama:

– É a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá [...] (CANDIDO, 2004, p. 325).

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Contos**: uma antologia. Organização de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.